

## EROS PARA PRESIDENTE – A REPÚBLICA ALEMÃ SONHADA POR THOMAS MANN

Richard MISKOLCI<sup>1</sup>

- RESUMO: “Da República alemã” (“Von Deutscher Republik”, 1922), ainda inédito em português e com tradução deficiente em inglês, é o discurso que marca uma ruptura nas idéias políticas de Thomas Mann (1875-1955), o qual declara nele seu apoio à jovem e frágil República de Weimar. Nossa resenha pretende expor a concepção manniana de república e sua radical psicologia social que afirma uma espécie de erotismo religioso como o “encanto essencial” da democracia.
- PALAVRAS-CHAVE: Democracia; república; *humanitas*; religiosidade; erotismo.

Thomas Mann (1875-1955) é sem dúvida um dos maiores escritores deste século e teve um papel político ímpar na luta pela democracia nos momentos mais obscuros de nossa era. Além de escritor de ficção, foi um exímio ensaísta e é especialmente sobre este aspecto de seu extraordinário talento intelectual que nos ateremos nesta resenha, que pretende introduzir velhos admiradores, e quiçá jovens curiosos, em sua peculiar concepção da política e suas relações com a arte, a sociedade e as instituições.

Infelizmente, Mann tem sido muitas vezes subestimado como escritor e pensador político. Suas idéias não são vagas nem provêm

---

<sup>1</sup> Doutorando na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP – 05508-900 – São Paulo – SP.

de um conservador acabado, como costumam afirmar certos comentadores. A partir da Primeira Guerra Mundial a reflexão política passou a ser preocupação crescente em seu pensamento, o que se refletiu em suas obras posteriores sem nunca cair no reducionismo do engajamento irrefletido.

Ateremo-nos principalmente a seu ensaio "Da República alemã" ("Von Deutscher Republik", ainda inédito em português), o qual foi apresentado no dia 15 de outubro de 1922 na Sala Beethoven, em Berlim. Este discurso marcou a ruptura com relação às idéias políticas conservadoras que professara até a Primeira Guerra Mundial. Não se constitui um manifesto de engajamento político de um militante, mesmo porque foi apresentado num solene evento literário para a comemoração do sexagésimo aniversário de Gerhart Hauptmann, também escritor, e que serviria de modelo para o Mynheer Peeperkorn de *A montanha mágica*.

"Da República alemã" é um longo e rico ensaio político redigido por um escritor consciente e apaixonado pela liberdade. Quem lê este discurso logo pensa na razão que teria levado o esteta da escola de Schopenhauer e Nietzsche, o primeiro grande romancista da Alemanha, pátria tradicional da música, a subir numa tribuna em defesa da frágil República de Weimar. Ainda mais com um discurso tão contundente e distinto do que se ouviu dele durante a guerra, quando apoiou a Alemanha e redigiu o *Considerações de um apolítico* (1918), um tratado crítico-polêmico no qual esmiuçou as relações da alta cultura de seu país com a política e desferiu fortes críticas à democracia ocidental.

A resposta é dada pelo próprio Thomas Mann que, apesar de passar a apoiar a democracia, não volta atrás em suas críticas à superficialidade da concepção francesa de república fincada na forma representativa, em assembleias primárias e eleitorais, diretórios e conselhos. Afirmo, numa linguagem impregnada de simbologia alquímico-romântica, que se considerava um conservador, não no sentido reacionário, antes como aquele que, com seu livro, tomou para si a dura tarefa de preservar o arcabouço humano essencial que tende a perecer em meio às mudanças históricas tão profundas quanto impetuosas.

O autor observa que a realidade histórica do pós-guerra aumentou a responsabilidade dos talentos intelectuais, quer eles o desejassem ou não. Assim, impelido pela necessidade de lutar contra o obscurantismo brutal e irracionalista que ameaçava a democracia e até mesmo a pacificação européia, Mann resolveu declarar seu apoio à república que o

povo alemão insistia em considerar como resultado do colapso bélico e símbolo do domínio estrangeiro, da impotência e da vergonha.

"Da República alemã" – que havia sido esboçado como uma palestra sobre Novalis, o poeta romântico da "flor azul", e Walt Whitman, o poeta americano pregador da democracia – revela-se um discurso radicalmente democrático, humano e socialmente revolucionário à sua maneira. Mann reverencia nele a figura de Novalis como o romântico que, a seus olhos, sintetiza o patrimônio cultural alemão com influências da Revolução Francesa.

A dedicatória a Gerhart Hauptmann<sup>2</sup> por seu sexagésimo aniversário, escritor realista-naturalista cuja obra é voltada para questões sociais, anuncia o tom abertamente social deste ensaio que se dirigia na verdade à juventude alemã, principalmente à acadêmica, que se revelava segundo o próprio Mann "impetuosa partidária do passado" e com seus atos, conscientemente ou não, "voltados para a mecânica restauração do velho" (Mann, 1993, p.135). A preocupação conjuntural: retaliações por parte dos países vencedores, economia em crise, fragilidade institucional da recente República de Weimar, grupos monarquistas, atos terroristas como o assassinato do ministro das Relações Exteriores Rathenau por jovens militantes de extrema direita, entre outros problemas, não o impediu de desenvolver uma reflexão sobretudo universal e extemporânea.

Mann subiu à tribuna para provar que a democracia, que ele considerava sinônimo de humanidade, podia alcançar o nível do romantismo alemão, daquela "esfera maravilhosa" (p.129) que equilibrou o universal e o nacional de forma exemplar. Afirmou, sob vaias, que o nacionalismo devia deixar de ser associado à belicosidade e revertido a um culto da paz, definiu a guerra como incompatível com a cultura e o pensamento, como "orgia sangrenta de egoísmo, corrupção e maldade" (p.131). Ele evoca as reflexões político-sociais de Novalis como o embrião de uma concepção política peculiar, o anúncio de uma possível outra forma de república, a república de tipo alemão a que alude o então provocativo título do ensaio.

Que república alternativa seria essa? Mann a define paulatinamente iniciando pela afirmação de que desejos universais, fatos interiores devem impor-se à realidade e não se adaptarem a ela. Mann prega que os

---

2 Mann utilizou sua aparência exterior na criação do personagem Peeperkorn de *A montanha mágica*, fato que terminaria por levar a cabo a amizade entre os dois escritores. Anos mais tarde, outro fato os tornaria antagonistas. Hauptmann apoiaria o nazismo enquanto Mann se opôs ao movimento desde o início e terminaria por auto-exilar-se na Suíça e nos Estados Unidos.

desejos humanos devem moldar o mundo, instituir a unidade da vida estatal e nacional, do Estado e da cultura [*Kultur*], tendo como objetivo a felicidade popular. O germanismo deveria ser compreendido não como rude nacionalismo, mas sim como autêntica popularidade, uma popularidade de caráter humano já em suas raízes históricas. A verdadeira e autêntica popularidade alemã seria a que pudesse também ser reconhecida por toda a Europa, ou seja, *humanitas*, a idéia, o sentimento e regulativo ético-espiritual, o que Novalis pregou ao observar que o Estado é apenas uma união especial de pessoas no grande Estado que a própria humanidade por si só já constitui.

Por intermédio de Novalis, Mann afirma que há uma luta eterna entre dois poderes vitais inextinguíveis no peito humano: de um lado, a devoção à Antiguidade, à tradição e à alegria da obediência, de outro, o sentimento arrebatador da liberdade, o desejo do novo e do jovem, do livre contato com os camaradas do Estado, do vigoroso sentimento cidadão. Para se alcançar o equilíbrio entre esses meritórios e inextinguíveis poderes é necessário um terceiro elemento, algo muito especial que abranja o homem com suas aspirações espirituais e materiais. Este terceiro elemento, que é ao mesmo tempo mundano e sobrenatural nas palavras de Novalis, social e interior, humano e aristocrático, fica, segundo Mann, entre o romantismo e o iluminismo, entre o místico e o racional e é o próprio elemento da humanidade.

O criador de *A montanha mágica* utiliza-se do termo *Humanität*, o qual equivale ao nosso adjetivo humanidade, caridade, compaixão. Esse elemento religioso está no coração da democracia e Mann aproveita a oportunidade para refutar as críticas nietzschianas ao cristianismo e sua idéia esteticista do “senhor” [*Herrenmensch*] que se opõe aos “escravos” da moral cristã. Mann, por intermédio de Novalis, posiciona-se de forma positiva com relação à religião cristã. Elogia sua capacidade de atingir as massas e influenciar o homem pela pura e simples boa vontade. Como observa: “Ela dá vida à grande maioria dos pobres de espírito” (Mann, 1993, p.150). Nela reside o germe de todo democratismo.

Aqui o autor alemão passa a expor sua visão da sociedade e suas relações com o indivíduo. Observa a admiração de Novalis e Whitman pelo termo “*en masse*”, o qual expressa a crença de que o homem mais elevado é o homem composto. A pluralidade constitui o gênio. Desta forma não houve gregos, por exemplo, mas apenas um gênio grego. A república ideal seria uma em que todos fossem reis e, apesar das provas abundantes da impensabilidade de aplicação real disso, ela permaneceria como a mais pura idéia de sociedade. Whitman afirmou que

defendia a necessidade de uma forte socialização para fortalecer a independência da pessoa individual. Seria uma apologia da coletividade vinda de um esteta? Não, apenas uma limitação humana ao individualismo inconsistente de nosso mundo. A afirmação estético-purista do indivíduo é socialmente inviável, para além do domínio artístico tão bárbara quanto a moderna sociedade de massas. Novalis disse que o todo sempre vive no indivíduo e o indivíduo no todo, portanto é necessário um equilíbrio entre a esfera social e a individual, equilíbrio este possível somente por meio de um peculiar sentimento religioso. Talvez fosse melhor qualificá-lo de místico-carnal para livrá-lo de indesejáveis interpretações colaterais.

Mann observa que a leitura de Whitman revelou-lhe a curiosa proximidade de suas idéias democráticas com as de Novalis. Whitman afirma que o "encanto essencial" do republicanismo deve repousar em algo mais profundo do que em legislação ou lei eleitoral superficial e Mann encontrou esse "encanto" tanto no esteticismo democrático de Whitman quanto no romantismo ético-cristão de Novalis. As aparentemente irreconciliáveis esferas da estética e da ética unem-se no velho e sempre novo sonho de uma humanidade pacífica e unida.

Esse sonho não deve nunca ser esquecido nem negado por deterministas naturais como Oswald Spengler, o autor do célebre *O declínio do Ocidente*, ao qual Mann desferiu ácidas críticas e chega a classificar sua obra de nociva e letal. O autor de *A montanha mágica* não acredita em leis naturais inflexíveis e em como Novalis separa Deus da Natureza. Acreditava que a natureza deve tornar-se moral, não pode ser vista como algo estacionário. Em suma, cria na possível e necessária espiritualização da Natureza.

Ao abordar a tradicional oposição entre *Kultur* e *Zivilisation* no livro de Spengler, Mann revela seu desprezo pela concepção elitista e naturalista de *Kultur*. Se ainda distingue ambas não é como meio de afirmação da tradição germânica de separar a esfera cultural da política, mas sim como defesa de uma possível civilização espiritualizada. Seu cosmopolitismo e sua defesa da integração de todas as facções políticas, religiosas e sexuais na república provam o caráter progressista de suas concepções de *Kultur* e *Bildung*, as quais muitos classificariam como iluministas, mas preferimos denominar humanistas.

O sonho de uma humanidade universalmente irmanada seria para Mann um terceiro império da humanidade religiosa presidido por Eros como homenagem a Walt Whitman. O erotismo social impregna o final deste discurso democrático-utópico no qual Mann fala por meio de seus mestres espirituais. O autor alemão observa que a república

não será instituída apenas pelo intelecto ou por instituições fundadas no direito internacional, as quais têm seu valor, sobretudo por prepararem o terreno para uma previsível união europeia (em 1922 já a considerava previsível). A república só seria algo palpável quando instituída pela sensibilidade, seu ponto unificador só pode ser o amor, a função voluptuosa, a simpatia mística “que urge na totalidade (mescla) da união” (Mann, 1993, p.158). A simpatia seria a função místico-química, a simpatia com o orgânico que em Whitman revelase como um democratismo erótico que tudo abraça. A união sensual-erótica, que Mann esclarece não ser em nenhum sentido anímico ou pudoroso, alcança os contornos de uma religião antropocêntrica que teria como único templo o corpo humano. O culto anatômico-sensual seria um ritual orgiástico-piedoso da humanidade e sua mais perfeita expressão: a compaixão, a simpatia, o amor.

Ao referir-se ao poema “cheio de sagrada loucura de amor” (Mann, 1993, p.159) de Whitman “Eu canto o corpo elétrico” [“I sing the body electric”] transcreve a seguinte reflexão: “Alguém duvida... que o corpo vale tanto quanto a alma? E se o corpo não for a alma, o que é a alma?” (Whitman apud Mann, 1993, p.160). No clímax da apresentação de sua idéia de república, adentra a esfera de sentimentos indissociável da estética e na qual via um *pathos* erótico-político que considerava essencial à democracia, o homoerotismo:

Eu ousou falar nesse contexto, o qual permanece um contexto político, com todo cuidado e reverência necessários, dessa esfera sentimental especial, a qual tornou-se visível em minhas últimas palavras: eu me refiro àquela zona do erotismo em que a lei da polaridade sexual tida por universalmente válida prova-se como eliminada e sem efeito, e na qual nós vemos unido o igual com o igual, virilidade mais madura com juventude admirada; virilidade na qual ela possa endear um sonho de si mesma ou jovem virilidade unida com sua imagem e semelhança para uma comunhão apaixonada. (Mann, 1993, p.160-1)

O célebre autor considera o homoerotismo um poderoso componente estético-político. Nega-lhe o caráter de doença e chega a afirmar que a veneração dos rapazes de Whitman era muito mais saudável do que o mórbido amor que Novalis nutria por Sophie von Kühn (1782-1797). Ainda assim, observa que a fórmula romântica “amor e morte” nunca deverá ser banalizada, pois o amor, a beleza e a morte são indissociáveis. Chega a referir-se ao Tristão de Platen, cujos versos o haviam influenciado em sua criação anterior, a novela *Morte em Veneza* (1912). O verso do poeta mais admirado por ele era: “Quem a beleza

olhou nos olhos/ Já se encontrava entregue à morte”.<sup>3</sup> Afirmação que expressa sua admiração pelo homoerotismo como forma de aproximação da esfera metafísica.

Segundo Mann, a simpatia com a morte revela-se “um romantismo perverso apenas quando a morte opõe-se à vida como poder espiritual autônomo em lugar de ser nela recebida de modo santificador-santificado” (Mann, 1993, p.164). Do romantismo e da fascinação pela morte para um novo classicismo e culto da vida é exatamente o processo de formação democrática que Mann preconiza, suas afirmações tendem das idéias de Novalis para as de Whitman como as seguintes palavras demonstram: “Nenhuma metamorfose do espírito nos é mais familiar do que aquela em cujo início está a simpatia com a morte e no fim da qual está a decisão ao serviço da vida” (Mann, 1993, p.165).

Neste momento, quase no final do ensaio, alude ao romance em cuja criação trabalhava desde antes da guerra, havia cerca de dez anos desde então: *A montanha mágica* [*Der Zauberberg*] publicado em novembro de 1924). Este romance de formação (*Bildungsroman*) moderno tornar-se-ia sua resposta às questões européias e ele, como professor democrata, utilizou-se da “pedagogia mágica” da alquimia para dar conta do homem como ser integral, o ser abençoado pelo espírito (mente).

A influência de Novalis e sua crença no andrógino como o homem perfeito do futuro é clara. O protagonista do romance de Mann, Hans Castorp, vivencia um rito de androginização de tipo xamânico na montanha. Sua “formação” [*Bildung*] se dá por meio da doença dos românticos, sensíveis e passionais: a tuberculose. Mann assim exprime em “Da República alemã” a idéia do romance:

O interesse pela morte e pela doença, pelo patológico, a decadência, é apenas um modo de expressão do interesse pela vida, pelo homem, como a faculdade humanística da medicina prova; quem se interessa pelo orgânico, pela vida, interessa-se sobretudo pela morte e poderia ser assunto de um romance de formação mostrar que a vivência da morte é por fim uma vivência da vida que leva ao homem. (Mann, 1993, p.164)

A fascinação pela doença e pela morte que caracteriza o romântico Castorp só é superada mediante a elevação alquímica que empreende na montanha, por meio dela torna-se o *Homo Dei*, a figura

---

3 “*Wer die Schönheit angeschaut mit Augen/ Ist dem Tode schon anheimgegeben.*”

emblemática de uma possível humanidade sem antagonismos, o andrógino cultuado pelos teósofos alemães do século XVIII, pelos românticos e até mesmo por Goethe.

"Da República alemã" é claro com relação às intenções de Mann, faz de Whitman um porta-voz, o anunciador de Eros como criador de Estados, de um amor atlético-corporal que criaria terras divinamente magnéticas, "cidades unidas com os braços uns em torno dos pescoços dos outros, através do amor dos camaradas, através do amor viril dos camaradas" (Whitman apud Mann, 1993, p.162).

No final do romance, o "filho enfermeiro da vida", Castorp, decide-se pela vida e retorna à planície, mas entre as pessoas ditas normais e sadias explodira a Primeira Guerra Mundial e a maioria seguia com entusiasmo suicida para o campo de batalha. Em meio ao combate encontramos pela última vez nosso herói, junto dos camaradas e com poucas chances de sobreviver. O parágrafo final do romance ressoa na mente de todo leitor dedicado porque sabemos que à dúvida apresentada por Mann, à sua questão se da experiência do front surgiria um dia o amor que instituiria sua idealizada república, podemos acrescentar apenas uma triste negativa. Como observou Schopenhauer, apenas a morte é a vencedora de todas as guerras.

A república, assim como a civilização, só pode ser produto da paz e de Eros. A morte é sedução, instinto de nossos elementos à liberdade e ao caos. A vida é algo mais difícil, um dever, uma decisão pela integridade da forma. Mann explica esse par curioso por intermédio de Novalis: "O instinto de nossos elementos tende à desoxidação. A vida é oxidação forçada" (Novalis apud Mann, 1993, p.164). A decisão pela vida e pelo ideal de uma bela sociedade humana é algo tão difícil quanto necessário.

Muitos dirão com pessimismo que estamos condenados à simples união materialista dos mercados, à globalização que impõe um modelo universal e ameaça a existência da necessária pluralidade democrática. Mann diria que Novalis já os refutou anacronicamente ao destacar que o moderno espírito de negócio tem o mérito de pôr tudo em movimento e interligar tudo. Ele desperta países, nações e obras de arte, é o espírito da cultura, do necessário aperfeiçoamento do gênero humano.

Mann desfez preconceitos com seu discurso. Afirmou o caráter libertário da república, a qual compreendia como criação da sublevação e da honra daqueles que foram levados por um Império irresponsável e ultrapassado para o campo de batalha. Criticou a perigosa associação entre romantismo e reação, tomou dos obscurantistas o patrimônio cultural alemão e o universalizou. Acima de tudo, reafirmou

o sonho de humanidade que a maioria começava a esquecer diante dos reveses históricos e traumas bélicos que os incitavam ao nacionalismo. Foi vaiado e muito pouco compreendido.

Desde então, tornou-se crescentemente preocupado com as questões sociais e políticas. Posicionou-se contra o totalitarismo, que na forma do regime nazista pôs fim às suas esperanças democrático-classicistas; exilou-se na Suíça e depois nos Estados Unidos, onde tornou-se o porta-voz da autêntica cultura germânica. Naquele refúgio da civilização reduzido *ad absurdum* durante a Segunda Guerra Mundial compartilhou o degredo com intelectuais como Adorno e escreveu uma de suas maiores obras, *o Deutsches Requiem* que é seu *Doutor Fausto* (1947). Após a guerra sofreu calúnias na Alemanha e foi apontado como politicamente suspeito nos Estados Unidos, no ardor da onda anticomunista que tomou o país e o levou a voltar à Suíça para lá viver o resto de seus dias.

Em 1953 afirmou estar convencido da necessidade de conciliação entre os valores da democracia de mercado e os ideais socialistas para se alcançar os ideais distantes de um governo mundial, uma administração comum da Terra e o estabelecimento da paz entre os povos. Aquele que fora o mais germânico dos escritores morreu em agosto de 1955, orgulhoso de sua *world citizenship*, e foi sepultado na Suíça.

A república sonhada por Mann seria a semente de uma possível humanidade pacífica e unida, inspirada numa compreensão profunda da civilização clássica. Esta será sempre apenas um ideal? Se assim o for, ao menos terá sido o “sonho de amor” de seus melhores filhos, os quais nunca poderão deixar de sonhá-lo. A arte, a esperança e os ideais humanos mais elevados devem permanecer como impulso à sua concretização. Talvez o maior desafio de nossa era seja acordar as pessoas para os ideais humanistas diante da intoxicação coletivista sempre à espreita, e Mann ainda hoje nos aconselharia que o melhor modo de começar é reaprendendo a sonhar.

MISKOLCI, R. Eros for president – The German Republic idealized by Thomas Mann. *Perspectivas* (São Paulo), v. 20/21, p.65-76, 1997/1998.

- **ABSTRACT:** “The German Republic” [“Von Deutscher Republik”, 1922], unknown in Portuguese and very problematically translated to English, is a speech that marks a rupture in Thomas Mann’s political ideas. The German writer declares his support to the young and fragile Weimar Republic. Our article explains Mann’s republic idea and his socio-psychological radicalism

which affirms a kind of religious eroticism as the "essencial magic" of democracy.

- **KEYWORDS:** Democracy; republic; humanitas; religiosity; eroticism.

## Referência bibliográfica

MANN, T. Von Deutscher Republik. In: \_\_\_\_\_ *Essays*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1993. v.2, p.126-66.

## Bibliografia consultada

DAYAN-HERZBRUN, S. Thomas Mann: un écrivain contre le nazisme. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v.94, p.189-204, 1993.

LUBICH, Frederick A. Thomas Mann's sexual politics. *Comparative Literary Studies*, v.31, n.2, p.107-27, 1994.

MANN, T. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. Porto Alegre: Globo, 1953. 741p.

\_\_\_\_\_. *Doutor Fausto*. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 689p.

\_\_\_\_\_. Einführung in der Zauberberg. In: \_\_\_\_\_ *Der Zauberberg*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1958. (Minha tradução desta conferência "Introdução à *Montanha mágica*" consta da *Perspectivas (São Paulo)*, v.19, p.131-42, 1996).

PRATER, D. *Thomas Mann: a Life*. Oxford: Oxford University Press, 1995. 554p.